

## RUA SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

Decreto nº 4976 de 28-10-1976, Artigo 1º, Inciso VII  
Protocolado nº 17.054 de 01-07-1976 em nome de Administração Regional

Formada pela rua 9 do Jardim Santa Genebra, la. parte  
Início na rua Maestro Francisco Manuel da Silva  
Término na rua Benedita do Amaral Pinto  
Jardim Santa Genebra

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Dr. Lau-  
ro Péricles Gonçalves.

## SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

Sebastião da Rocha Pita nasceu em Santiago de Iguape, Distrito de Cachoeira, Ba, a 03-05-1660 e faleceu em Salvador, Ba, a 02-11-1738. Era filho de João Velho Gondim e Brites da Rocha Pita e foi casado com Brites de Almeida. Cursou o Colégio dos Jesuitas na Bahia, ali obtendo o grau de mestre em artes, indo a seguir para Coimbra, em cuja Universidade formou-se em Direito Canônico. De regresso ao Brasil, foi legislador no Senado da Câmara da capital baiana e, depois, coronel do Regimento de Infantaria de Ordenanças. Recolheu-se, mais tarde, a uma fazenda que possuía, às margens do Paraguaçu, perto de Cachoeira. Ali se dedicou à lavoura e ao estudo. Compôs alguns cânticos, sonetos, hinos e éclogas. Abandonou a poesia e escreveu um romance em castelhano. Propôs-se, a escrever uma História do Brasil. Para tanto empreendeu viagem pelo país, buscando e pesquisando documentos existentes em diversas partes da colônia. Seguiu para Portugal, realizando pesquisas na Torre do Tombo. Estudou, então, francês, inglês, italiano e holandês, aparelhando-se melhor para as buscas que realizava, em várias fontes. Assim preparado, consumindo nesse trabalho quase metade de sua vida, escreveu o livro pretendido, terminado em 1728: "História da América Portuguesa, Desde o Ano de 1500 do Seu Descobrimento até ao Ano de 1724", publicado em 1730, em Lisboa. Muitas restrições e muitos elogios têm sido feitos a essa obra. Na época o volume valeu-lhe o ingresso na Academia Real de História Portuguesa, como um dos seus membros supranumerários. Rocha Pita retornou à Bahia, onde tornou-se sócio da Academia Brasileira dos Esquecidos. Teve, também, os títulos de fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Não se limitou Rocha Pita apenas a essa publicação, escrevendo: "Breve Compêndio e Narração do Fúnebre Espetáculo que na Insígne Cidade da Bahia, Cabeça da América Portu-

Rua Sebastião da Rocha Pita

Fls. 02

guêsa se Viu na Morte Del-Rei D. Pedro II", "Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita, Presidindo à Academia Brasílica, na Conferência de 7 de Maio de 1724", "Sumário da Vida e Morte da Exma. Sra. D. Leonor Josefa de Vilhena e das Exéquias que se Celebraram à sua Memória na Cidade da Bahia", "Tratado Político". Seu estilo gongórico, prejudicou bastante a sua "História do Brasil". Seu nome foi lembrado para ser patrono de uma das cadeiras de membros correspondentes da Academia Brasileira de Letras, a de nº 8. Sebastião da Rocha Pita é denominado "Pai da História do Brasil".

## .RUA SEBASTIÃO DA ROCHA PITA



DECRETO N.º 4976, DE 28 DE OUTUBRO DE 1976.

Da denominação a diversas vias públicas da cidade  
de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9 de 31 de Dezembro de 1.969,

DECRETA:

ARTIGO 1.º — Ficam denominadas as vias públicas do JARDIM SANTA GENEBRA 1.a parte:

I — RUA ESTÁCIO DE SÁ — Fundador da Cidade do Rio de Janeiro — a Rua 1 com início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua 29 do mesmo loteamento.

II — RUA ALEXANDRE DE GUSMÃO (1695 — 1753) — Escritor e Político — a Rua 2 com início à Rua 1 do Jardim Santa Genebra 1.a parte e término à Rua 1 da Vila Costa e Silva.

III — RUA JOAQUIM NORBERTO (1820 — 1891) — Escritor e Historiador — a Rua 3, com início à Rua 1 da Vila Costa e Silva e término à Rua Domingos Cazotti.

IV — RUA MAESTRO FRANCISCO MANUEL DA SILVA — (1795 — 1865) — Compositor do Hino Nacional Brasileiro — a Rua 4 que tem início à Rua 28 do mesmo loteamento e término à Rua Domingos Cazotti.

V — RUA MACEDO COSTA (1830 — 1901) — Bispo do Pará — a Rua 6 que tem início à Rua 1 e término à Rua 4 do mesmo loteamento.

VI — RUA FREI TIBÚRCIO (1805 — 1880) — Pioneiro do jornalismo em Campinas — a Rua 7 que tem início à Rua 4 e término à Rua 13 do mesmo loteamento.

VII — RUA SEBASTIÃO DA ROCHA PITA — (1660 — 1733) — a Rua 9 que tem início à Rua 4 e término à Rua 15 do mesmo loteamento.

VIII — RUA CONSTANCIO ALVES (1862 — 1933) — Escritor e Jornalista — a Rua 10 que tem início à Rua 1 e término à Rua 15 do mesmo loteamento.

IX — RUA DR. ARAÚJO — Poeta e Advogado — a Rua 11 que tem início à Rua 9 do mesmo loteamento e término à Rua Dr. João Valente do Couto.

X — RUA MATHEUS ROMEIRO PINTO — (1882 — 1956) — Benfeitor da Casa de Saúde Campinas e Beneficência Portuguesa — a Rua 14 que tem início à Rua Dr. João Valente do Couto e término à Rua Domingos Cazotti.

XI — RUA FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE — (1784 — 1858) — Orador Sacro — a Rua 17 que tem início à Rua 15 e término à Avenida 2 do mesmo loteamento.

XII — RUA EVARISTO DA VEIGA — Jornalista e Político — a Rua 20 que tem início à Rua Fiorindo Cazotti e término à Rua Nelson de Souza Bárbara.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITA



## O historiador da América Portuguesa

Dantas Júnior, escritor acadêmico, manda-me agora o seu discurso pronunciado na sessão conjunta realizada pela Academia de Letras, Instituto Histórico e Universidade da Bahia, para comemorar o terceiro centenário do nascimento de Sebastião da Rocha Pita.

Outro escritor acadêmico, Pinto de Carvalho, presidente da primeira das instituições referidas, organizou as merecidas homenagens.

Li o trabalho do orador. Não lhe feria sido fácil a tarefa. O autor da velhíssima *História da América Portuguesa desde o seu descobrimento até o ano de 1724* (era o título original) andava tão apagado — ele foi um dos sócios fundadores da Academia Brasileira dos Esquecidos instalada a 7 de março do mesmo ano em que publicou o seu livro — que até não poucos já julgavam não ter ele nunca existido se não na preocupação de críticos e cronistas. Porque a verdade é que ninguém mais lê esse livro, que fez a sua glória.

Rocha Pita era de Santiago de Iguape, nascido quase à foz do Paraguaçu, filho da Cachoeira, portanto, pois à época a localidade era um pequeno distrito da gloriosa cidade do Recôncavo baiano. Exatamente como depois aconteceria a Castro Alves, vindo ao mundo na Fazenda das Cabaceiras, que ficava sob a jurisdição de Curralinho, termo este, então, por sua vez, pertencente à urbs heroica que foi a primeira a lutar, em 1823, pela independência da antiga capital do Brasil. Santiago de Iguape não adotou o nome do mais ilustre de seus representantes. Curralinho, porém, transformou-se em Cidade de Castro Alves, honrando nobremente a memória do maior dos nossos poetas.

Dantas Júnior dá-nos um perfil sugestivo e interessante do pai dos nossos historiadores. Vai buscá-lo na sua árvore genealógica. Pelo lado paterno, descendia de um português de Ponte de Lima. Pelo materno, de uma brasileira de Pernambuco. Nasceu rico, em 1660. Foi senhor de engenho e se casou com D. Ana de Aragão, também brasileira e rica. Família numerosa a do casal, no seio da qual quase todos desfrutaram de vantajosas condições sociais. O futuro historiador iniciou as humanidades com os jesuítas, em Salvador. Aos 16 anos de idade, seguiu para Coimbra, de onde, em 1762, regressou, dizem que bacharel em Cânones. Dantas Júnior não omite que certos biógrafos contestam o bacharelato do velho Pita. Silvio Romero, entretanto, informa que ele chegou mesmo a formar-se.

Mas, como bem observa Dantas Júnior, não é o caso de ser Pita bacharel, licenciado ou doutor, o que lhe dá relevo. Nem, acrescido eu, a circunstância de ter sido legislador no Senado da Câmara da capital baiana e, depois, coronel do Regimento de Infantaria de Ordenanças, amigo do vice-rei, que dele se serviu e o explorou na campanha de extorquir o contribuinte coagido a dar dois milhões e duzentos mil cruzados para dote da infantinha Dona Maria Bárbara, filha do insaciável e irascível D. João V. O que assegurou a Rocha Pita a immortalidade foi a sua obra de historiador, declara Dantas Júnior. De acordo. Não importa que hoje a *História da América Portuguesa desde o seu descobrimento até o ano de 1724* seja quase ilegível para os

modernos e contemporâneos. É extensa demais. É massuda, monótona e — Deus me perdoe! — soporífera. No limiar do século XVIII, no Brasil bárbaro, ignorado, onde para se comunicar com a Europa de espírito arejado e iluminado pela Renascença, se tinha de viajar à vela, sobre o Atlântico, de três a quatro meses, a soma de conhecimentos e o sopro de inspiração de Pita teria sido um milagre. Escreveu antes versos e romances piífos. Felizmente, sumidos. O conceito e a imagem, tão acentuadamente marcantes na sua maneira de narrar, proporcionaram-lhe um certo colorido das descrições, vigor das paisagens e vivacidade dos tipos, singularmente apresentados na sua *História*. Não foi como outros, o "cronista d'El-Rey". Foi probo e bom, sincero e convencido brasileiro, sem enfermar da condenável lusofobia. A prolixidade sacrificou a sua obra. O historiador, entretanto, escrevia para a sua época e o seu meio, o daqui e o de Portugal. E apesar de sua educação tomista, não lhe custou pouco a franquia do Santo Ofício para que o seu livro, afinal, se divulgasse com todas as licenças necessárias.

O discurso de Dantas Júnior, bem escrito e documentado, entre outros, tem este mérito: chama a atenção dos estudiosos para um historiador a produzir em 1726, morto aos 78 anos de idade, que, podendo viver, tranqüillo e inútilmente no conforto e na opulência, preferiu mergulhar nos arquivos e nas bibliotecas de aquém e de além-mar, mais da metade da existência, abrindo caminho aos que, como ele, achassem que valia a pena conhecer melhor o Brasil no seu passado.

M. Paulo Filho

## RUA SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

(Denominação dada pelo decreto 4976, de 28-10-1976, à rua Nove do Jardim Santa Genebra, la. parte, com início à rua Masstro Francisco Manuel da Silva e término à Rua 15 do mesmo loteamento)



### Rocha Pita

A 2 de novembro de 1738 faleceu na Bahia, onde nasceu a 3 de maio de 1660, o historiador Sebastião da Rocha Pita. Iniciou seus estudos no Colegio dos Jesuitas, de sua cidade natal, continuando-os em Coimbra, all se formando em canones. De volta à Bahia, ingressou na carreira militar, onde chegou ao posto de coronel do regimento privilegiado das ordenanças da Bahia. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo e membro da Academia dos Esquecidos — sociedade literaria formada na Bahia em 1724. Era versado nas linguas francesa, latina, italiana, holandesa e castelhana. Em 1730 publicou em Lisboa a "Historia da America Portuguesa", obra que lhe valeu a nomeação de academico supranumerario da Academia Real de Historia e o titulo de fidalgo concedido por d. João V. Escreveu, alem da obra citada e de varios sonetos, um pequeno compendio sobre a morte de d. Pedro de Noronha, um sumario da vida e morte de dona Leonor Josefa de Vilhena.

# VIDA CULTURAL

## Tricentenário de Rocha Pitta

No próximo dia 3 de maio transcorrerá o tricentenário do nascimento de Rocha Pitta, o celebrado autor da "História da América Portuguesa", um dos mais expressivos exemplos do gongorismo em nossas letras.

Sebastião da Rocha Pitta era natural de Salvador, na Bahia, filho de João Velho Gondim e de d. Brites da Rocha Pitta e sobrinho do magistrado pernambucano desembargador João da Rocha Pitta.

Cursou o Colégio dos Jesuítas da Bahia, ali obtendo o grau de mestre em artes, indo a seguir para Coimbra, em cuja universidade se bacharelou em cânones.

Em sua terra natal, para onde retornou, casou-se com d. Brites de Almeida, indo residir numa fazenda às margens do Paraguaçu, de sua propriedade, perto de Cachoeira.

Alli se dedicou à lavoura, tendo sido, também, coronel do regimento privilegiado das Ordenanças da Bahia.

Dado às letras, Rocha Pitta era poeta e disso nos deixou várias provas, em sonetos e outros poemas, de insípida leitura.

Também escreveu um romance em castelhano, não menos fastidioso.

Tais insucessos como ficcionista levaram-no a dedicar-se mais tarde aos estudos históricos, visitando a Portugal onde realizou numerosas pesquisas na Torre do Tombo.

Estudou, então, francês, inglês, italiano e holandês, dessa forma se aparelhando melhor para as buscas que desejava realizar, em várias fontes.

Assim preparado escreveu a sua "História da América Portuguesa", em 1730, livro ao qual têm sido feitas numerosas restrições e também muitos elogios.

Na época o volume valeu-lhe o ingresso na Academia Real de História Portuguesa, como um dos seus membros supranumerários.

Retornando à Bahia, ali foi sócio da Academia Brasileira dos Esquecidos. Também teve os títulos de fidalgo da Casa Real e cavaleiro professor da Ordem de Cristo.

Mas não se limitou Rocha Pitta apenas à publicação da "História da América Portuguesa", desde o ano de 1500 de seu descobrimento, até 1724 e oferecida a D. João V, como se lê no frontespício, onde estão também os vários títulos de Rocha Pitta.

Assim foi que escreveu "Breve Compêndio e narração do fúnebre espetáculo que na insigne cidade da Bahia, cabeça da América Portuguesa se viu na morte del-rei D. Pedro II"; "Oração do acadêmico vago Sebastião da Rocha Pitta, presidindo à Academia Brasileira, na conferência de 7 de maio de 1724"; "Sumário da vida e morte da exma. sra. d. Leonor Josefa de Vilhena e das exéquias que se celebraram à sua memória na cidade da Bahia"; "Tratado Político".

Seu estilo gongórico, rebarbativo, prejudicou sobretudo a sua "História", ainda assim bastante lida e várias vezes reimpressa. Além do estilo, palavroso, rebuscado, possua ele poucos elementos para realizar obra de vulto, realmente bem documentada e daí as referidas restrições que tem tido.

Rocha Pitta faleceu na Bahia a 2 de novembro de 1738, em sua fazenda do Paraguaçu.

Seu nome foi muito mais tarde lembrado para ser patrono de uma das cadeiras de membros correspondentes da Academia Brasileira de Letras, a de n. 8.

Capistrano de Abreu fez várias observações ao conhecido livro de Rocha Pitta, dizendo: "O desejo de produzir efeito ramifica-se por toda a "História da América Portuguesa".





### **Rocha Pita**

**A** 3 de maio de 1660 nasce na Bahia, onde faleceu a 2 de novembro de 1738, o historiador Sebastião da Rocha Pita. Iniciou seus estudos no Colegio dos Jesuitas, de sua cidade natal, continuando-os em Coimbra, ali se formando em canones. De volta à Bahia, ingressou na carreira militar, onde chegou ao posto de coronel do regimento privilegiado das ordenanças da Bahia. Foi cavaleiro da Ordem de Cristo e membro da Academia dos Esquecidos — sociedade literaria formada na Bahia em 1724. Era versado nas linguas francesa, latina, italiana, holandesa e castelhana. Em 1730 publicou em Lisboa a "Historia da America Portuguesa", obra que lhe valeu a nomeação de academico supranumerario da Academia Real de Historia e o titulo de fidalgo concedido por d. João V. Escreveu, alem da obra citada e de varios sonetos, um pequeno compendio sobre a morte de d. Pedro de Noronha, um sumario da vida e morte de dona Leonor Josefa de Vilhena.

RUA SEBASTIÃO DA ROCHA PITA



## ROCHA PITA

*Sebastião da Rocha Pita, natural da Bahia, nasceu em 1660 e faleceu em 1738. Estudou no Colégio dos Jesuítas, em Salvador, e bacharelou-se na Universidade de Coimbra. De regresso à terra natal, ocupou posição de relevo, tendo sido coronel, fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira dos Esquecidos, em 1724, e também sócio correspondente da Academia Real da História Portuguesa, o que atesta o seu interesse pelos estudos históricos. Enquadra-se nos objetivos dessas academias a sua obra História da América Portuguesa, cuja elaboração, iniciada na Bahia, foi concluída em Portugal, onde dispôs do restante da documentação necessária, depois da que utilizou entre nós. Relata minucioso de fatos e circunstâncias, louvores a autoridades e a figura de relevo em acontecimentos militares e históricos em geral, a obra estende-se desde o conhecimento inicial do Brasil até 1724, ano da sua conclusão. Está entremeada de detalhes descritivos da paisagem e de referências às riquezas da terra e aos recursos naturais de subsistência, fundindo assim a informação com a crônica histórica, conforme as sugestões provenientes do século XVI. Nesses termos, está impregnada de sentimentos nativista no seu sentido luso-brasileiro, mas sem espírito crítico, de forma que o A. exagera a visão exaltada e deformada da paisagem, dos homens, e dos fatos. Carrega essa impressão, o estilo acentuadamente cultista.*

BIBLIOGRAFIA  
DO AUTOR:

1. Cronologia: Breve compêndio e narração do fúnebre espetáculo que na insigne cidade da Bahia, cabeça da América Portuguesa se viu na morte d'el rei D. Pedro II, 1709; Sumário da vida e morte da Exma. Sra. D. Leonor Josefa de Vilhena e das exéquias que se celebraram à sua memória na cidade da Bahia, 1721; História da América Portuguesa, 1730.
2. Edição indicada: História da América Portuguesa, 2.<sup>a</sup> ed., Bahia, Imprensa Econômica, 1873.

## SOBRE O AUTOR:

J. G. Góis, Prefácio à História da América Portuguesa (3.<sup>a</sup> ed.), Lisboa, Francisco Artur da Silva, 1880.  
Pereira da Silva, "Sebastião da Rocha Pita", in Os varões ilustres do Brasil, vol. I, págs. 185-209, Paris, Franck et Guillaumin, 1858.

(Extraído de "Presença da Literatura Brasileira - I"  
de Antonio Candido e J. Aderaldo Castillo; edição  
da Difusão Européia do Livro, 5a. edição, São Paulo,  
1973)